

Parte III – Conclusões

A tentativa, a experiência

José Luiz Braga

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRAGA, J.L. A tentativa, a experiência. In: BRAGA, J.L., RABELO, L., MACHADO, M., ZUCOLO, R., BENEVIDES, P., XAVIER, M.P., CALAZANS, R., CASALI, C., MELO, P.R., MEDEIROS, A.L., KLEIN, E., and PARES, A.D. *Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, pp. 415-421. Paradigmas da Comunicação collection. ISBN: 978-85-7879-572-6. <https://doi.org/10.7476/9788578795726.0017>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

A tentativa, a experiência

José Luiz Braga

André Pares evidencia uma leitura com ótima acuidade para entendimento da heurística – tanto no uso que fez desta no exercício descritivo de abertura, como na observação de nosso encaminhamento metodológico, como ainda nas perguntas, que efetivamente pedem esclarecimento. Algumas dessas perguntas são argumentativas – servindo para André encaminhar a reflexão para questões de fundo, de ordem epistemológica (envolvendo conceitos kantianos, como juízos analíticos *a priori* e sintéticos *a posteriori*). Mas podem ser referidas também em modo mais cotidiano, para explicitarmos aspectos que direcionam a heurística e a pesquisa.

Um primeiro ângulo é se tenho ou não uma definição, ou protodefinição, do que seja “comunicação”. André Pares tem razão em perguntar se “já não seria preciso ter de antemão alguma ideia do que seja o ‘comunicacional’”, para elaborarmos a heurística. Não tenho uma identificação do fenômeno com pretensões de rigor epistemológico – não há *definição*. Mas, sim, tenho uma percepção pragmática, vagamente compartilhada por “todos nós” – que é o que o senso comum entende por comunicação. Nosso senso comum tem uma noção vaga, mas aplicável, sobre o que seja comunicação – e isso não é pouco. Ao contrário, é mesmo extraordinário como conseguimos nos entender a respeito dos processos mais diversos relacionados ao fenômeno, conversando no dia a dia sobre questões, problemas e objetivos comunicacionais. Não servindo como “definição”, ainda assim a noção tem servido para a interação entre

os seres humanos a respeito dos variadíssimos gestos pragmáticos que chamamos de “comunicação”.

Mais que isso, a noção tem servido como ponto de partida para pesquisadores das várias ciências humanas e sociais tratarem, em suas áreas, do fenômeno, com seus ângulos diferenciados. Agora, já um pouco mais circunscrito em abrangência e com maior sistematicidade – a de cada disciplina em que se situam. Quando tratam de “comunicação” em sociologia, em linguística, em antropologia, não têm dúvidas de que sabem do que estão falando, e de que serão entendidos por seus leitores – já agora com um pouco mais de rigor e especificidade que no senso comum.

Tais proposições de outras disciplinas sobre o tema também nos servem como referência – embora, evidentemente, dando preferência a alguns ângulos sobre outros. Por isso mesmo, devo refletir sobre a observação de André Pares, de que fazemos “sociologia do conhecimento” – o que implicaria considerar como comunicacional aquilo que os pesquisadores investigam a título de estudos da comunicação.

Sim e não. Sim, porque tais perspectivas existem, e não temos que partir da “estaca zero”. Um bom trabalho de sociologia do conhecimento nos oferece um ponto de partida bastante interessante. Não, entretanto, se se significar com a expressão que os processos constatados (“o que os pesquisadores investigam”) seriam uma resposta final que nos deixe em repouso, considerando pragmaticamente resolvida a questão “disciplinar” da comunicação. Por isso, embora tenha feito algumas pesquisas para circunscrever temas e perspectivas que colegas da área assumem como pertinentes à comunicação, não faço aí simplesmente uma escolha para me situar em um lugar mais ou menos assegurado. Nosso objetivo é, então, um pouco mais complexo.

O fato de que a área não tenha uma definição consensual sobre o que seja o comunicacional não implica, portanto, desconhecimento. Apenas, o que sabemos está tão entranhado em outros conceitos mais estruturados, das demais CHS, que não sabemos bem o que é próprio da comunicação e o que é próprio dessas outras perspectivas¹¹³. Assim como avançamos, ao passar do conhecimento de senso comum para os conhecimentos das ciências humanas e sociais, avançaremos mais passando destas a um conhecimento focalizado no fenômeno comunicacional. Não busco uma essência supostamente não percebida pelas demais disciplinas. Busco apenas uma compreensão dos processos enquanto não subsumidos a princípios das ciências sociais estabelecidas. Em vez de essência, busco especificidade.

Trata-se então de observar o que as diferentes áreas de interesse parecem inferir como sendo “de ordem comunicacional”, para extrair, nessa diversidade, alguns aspectos *mais ou menos comuns a várias áreas de interesse* e mesmo a várias disciplinas acadêmicas. Tenho aí, então, uma perspectiva um pouco mais “selecionada” para a construção da heurística (ou seja: para organizar as premissas que apresentamos nos capítulos iniciais). A partir daí, já não estou fazendo sociologia do conhecimento. Busco caminhos de uma “epistemologia evolucionária”, conforme visadas construídas no século XX, em diferentes momentos, por Piaget, por Karl Popper, e por Donald T. Campbell.

É nessa perspectiva que devem ser consideradas as três alternativas percebidas por André Pares como possíveis, na aproximação proposta, e das quais ele mesmo observa como mais provável a

113 Os estudos de interface entre comunicação e outra disciplina podem ser produtivos pelo tensionamento sobre a perspectiva da outra área e a busca de um foco comunicacional mais nítido (ver Braga, 2004).

terceira: ou quero mostrar, na interação social, o processo comunicacional, como já o vejo de antemão; ou quero ali descobrir o que já imagino seja o comunicacional; ou, finalmente, quero testar o que a heurística hipotetiza.

Efetivamente, o grau de descoberta seria crescente, nestes três movimentos. Nulo na primeira alternativa, um pouco maior na segunda e na terceira. Mas acredito poder sugerir um quarto movimento, que complementa o terceiro e faz avançar o sentido heurístico da pesquisa. Aquilo que imagino não aparece na forma de “tentar descobrir o que já sei”, nem de apenas confirmar (ou não) a hipótese de que o seja. Mas sim como probabilidade de descobrir alguma coisa para além do que *até o momento consigo imaginar* – seja em substituição, seja em desenvolvimento adicional. Por isso, mesmo assumindo eventuais descaminhos na aproximação (e nas premissas com as quais essa aproximação é feita), podemos assegurar uma produtividade do processo, em termos de conhecimento.

Isso nos leva ao comentário sobre a “sensação de que o comunicacional tem um momento em que é plantado no processo que o pretende descobrir”. Este é efetivamente um risco a ser evitado (correspondendo à primeira das três alternativas). Aproveitando a metáfora botânica de André Pares, acredito que não plantamos um arbusto pronto para depois confirmar sua existência. Naquele quarto movimento, apenas colocamos uma raiz híbrida no solo, que esperamos seja rico, da heurística em desenvolvimento – para ver a planta que poderá se desenvolver a partir desse momento. Os nove casos já oferecem resultados estimulantes.

Assim, aquele conjunto de premissas dos capítulos iniciais pode bem ser visto como a minha caracterização (provisória) do que seja o comunicacional. Não é uma definição, não oferece critérios – porque não tem organização, nem estrutura, nem abrangência definida de validade. Algumas premissas certamente não valerão em muitas

ocorrências do fenômeno. Outras características certamente existirão, que não aparecem ainda entre as premissas. Mas ainda assim, é uma ideia já suficientemente organizada para ser desenvolvida heurísticamente. As premissas compõem uma noção preliminar, tentativamente inferida um pouco além de proposições diversas da área.

O objetivo de “desentranhamento” que tenho defendido em alguns artigos (e nos capítulos iniciais deste livro) implica em não aceitar a dispersão que inevitavelmente tem decorrido da diversidade de ângulos. O objetivo seria, não o de chegar a uma ontologia, mas sim a perspectivas organizadas que viabilizem (em seu espaço de abrangência – de que ainda não sabemos bem a extensão nem o desenho) um relacionamento mais ou menos sistematizado das características que aí ocorrem. Se estas características forem razoavelmente diversificadas e abrangentes, teremos gerado um “campo de forças”, atraindo mais algumas características, desenfazendo outras – servindo de algum modo *para organizar percepções*.

Para que serve, metodologicamente, a heurística? Certamente serve para fazer descrições e inferências. Por exemplo, a excelente descrição feita por André Pares de um “horário de almoço” vivido em Porto Alegre, com que abre seu texto, evidenciando ter apreendido bem a substância principal da proposta.

Há algumas apostas associadas a esse acionamento. Primeiro, que podem ser feitas descrições de ocorrências bastante variadas (creio que os casos empíricos estudados reforçam positivamente esse ângulo da aposta). Depois, que tais descrições sejam pragmaticamente interessantes – isso é, complementem satisfatoriamente a compreensão das ocorrências. Esse aspecto, entretanto, depende das leituras e interpretações sobre o acionamento aqui feito da heurística. Mas a aposta segue adiante, para seu principal objetivo – que é o de, fazendo tais descrições (com variedade e amplitude suficientes), poder inferir outras características, desenvolver melhores

perguntas, e ainda ampliar o rigor com que venhamos a perceber abrangências e validades referentes à compreensão do fenômeno.

Essa possibilidade de desenvolvermos melhores perguntas e apreender com mais acuidade a abrangência da heurística decorre justamente do que André Pares percebe: “o recurso heurístico permitiria arremessar lá para dentro do processo social da interação” quaisquer características, “ao sabor de quem as coloca”. Isso significa que, enquanto de nossa parte preferimos enfatizar tais e tais características como mais frequentemente presentes e mais enfaticamente importantes para compreender a ocorrência do comunicacional, outros pesquisadores podem – em função de suas experiências, de suas pesquisas, de sua formação, de sua acuidade – inferir que outras características o farão melhor, com mais precisão.

Assim, não se trata de pensar “as perguntas certas” (baseadas em uma definição) por oposição a “perguntas erradas” que até agora tivessem sido feitas. Acho mesmo que há um bom número de perguntas disponíveis bastante interessantes – mas acredito que é sempre possível descobrir ainda outras, um pouco melhores.

Isso só é possível quando se trata de *características* do fenômeno – que são plurais e às quais se podem dar ênfases variáveis, conforme o tipo de processo social que se observa. Se se tratasse da “essência do comunicacional”, a possibilidade não existiria – uma pretensão de essência expulsa outra.

Assim, minha percepção não parte de uma essência prefigurada; nem se encaminha na busca de uma essência definidora. Resistimos a uma posição essencialista assumindo, ao invés, uma perspectiva pragmatista e de ordem histórica sobre os processos comunicacionais. Recusar essências não implica, porém, aceitar quaisquer afirmações sobre o fenômeno. Acredito que algumas características são mais abrangentes, pragmaticamente mais relevantes, mais pertinentes para uma situação comunicacional histórica.

Até o momento, os aspectos tratados no presente livro expressam meu entendimento.

Acredito também que, se cotejarmos essas características com outras, propostas por outros pesquisadores e com outras ênfases, avançaremos, pela teoria metodológica das hipóteses concorrentes (Campbell, 2005), na direção de conhecimentos de maior sabedoria a respeito dos processos comunicacionais que produzimos constantemente e nos quais estamos imersos.

O acompanhamento dado por André Pares a esta pesquisa, as instigantes reflexões nos diversos momentos da elaboração, e os desafios trazidos no comentário aqui apresentado, com a exigência de rigor que sempre oferece, fazem sublinhar a importância da interação e do debate acadêmico, como condição fundamental para o avanço do conhecimento.